

Aviso ao leitor

A capa original deste livro foi substituída por esta nova versão. Alertamos para o fato de que o conteúdo é o mesmo e que esta nova versão da capa decorre da alteração da razão social desta editora e da atualização da linha de *design* da nossa já consagrada qualidade editorial.

ARTMED EDITORA LTDA.

F363i Fernández, Alicia
A inteligência aprisionada / Alicia Fernández ; tradução
Iara Rodrigues. — Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.
261p.

CDU: 37.013.82

Índices para o catálogo sistemático:

Pedagogia terapêutica
Psicologia da aprendizagem

37.013.82
159.953.5

Ficha catalográfica elaborada por Carla P. de M. Pires – CRB 10/753.

ISBN 85-7307-701-8

Modalidade de aprendizagem

Modalidade de aprendizagem

Em cada um de nós, podemos observar uma particular “modalidade de aprendizagem”, quer dizer, uma maneira pessoal para aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber. Tal modalidade de aprendizagem constrói-se desde o nascimento, e através dela nos deparamos com a angústia inerente ao conhecer-desconhecer.

A modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas diferentes situações de aprendizagem. Se analisarmos a modalidade de aprendizagem de uma pessoa, veremos semelhanças com sua modalidade sexual e até com sua modalidade de relação com o dinheiro. Pois a sexualidade, como a aprendizagem e até a conquista do dinheiro, são maneiras diferentes que o desejo de posse do objeto tem para apresentar-se.

Nós, no momento do diagnóstico, pretendemos fazer um corte que nos permita observar a dinâmica da modalidade de aprendizagem, sabendo que tal modalidade tem uma história que vai sendo construída desde o sujeito e desde o grupo familiar, de acordo com a real experiência de aprendizagem e como foi interpretada por ele e seus pais. No diagnóstico tratamos de observar, desnudar e começar a esclarecer os significados da modalidade de aprendizagem.

Para descrever a modalidade, observamos: a) A imagem de si mesmo como *aprendente*; como agem fantasmaticamente as figuras *ensinantes* pai e mãe. b) O vínculo com o objeto de conhecimento. c) A história das aprendizagens, principalmente algumas cenas paradigmáticas que fazem a novela pessoal de *aprendente* que cada um constrói. d) A maneira de jogar. e) A modalidade de aprendizagem familiar.

Ainda que a modalidade de aprendizagem em um paciente com problemas para aprender costuma ser sintomática, e por isso lhe dificulta aprender, por outro lado também algo lhe permitiu e lhe permite aprender. Portanto, no DIFAJ vamos tratar de investigar como fez para aprender o que aprendeu.

Além disso, como observamos que a modalidade de aprendizagem do sujeito na infância está entrelaçada com uma “modalidade de aprendizagem familiar”, trataremos de observar as características deste modo familiar de aproximar-se ao não conhecido. Ocultam, escondem, se escondem, valorizam o segredo, comunicam-se com o conhecido, etc.?

Diferenciamos “modalidade de aprendizagem” de “modalidade da inteligência”. A aprendizagem é um processo em que intervêm a inteligência, o corpo, o desejo, o organismo, articulados em um determinado equilíbrio; mas a estrutura intelectual tende também a um equilíbrio para estruturar a realidade e sistematizá-la através de dois movimentos que Piaget definiu como invariantes: assimilação e acomodação.

Assimilação – acomodação: adaptação biológica

“Toda consciência tem uma história, que a vincula com o esquematismo da ação, e por aí com o organismo”.¹

O organismo se sustenta e cresce por meio de transações com seu ambiente. Trata-se de um processo de adaptação, que acontece cada vez que um intercâmbio particular entre o organismo e o meio modifica o primeiro. A incorporação de substâncias nutritivas, a alimentação, é um exemplo deste intercâmbio adaptativo. Analisaremos este processo de adaptação e veremos que há dois componentes que podem distinguir-se de um modo conceitual: assimilação e acomodação.

Assimilação: O organismo para poder incorporar a seu sistema os valores alimentares das substâncias que absorve, deve transformá-las. Por exemplo, um alimento duro e com uma forma clara, no momento de começar a ser ingerido, será transformado em macio e amorfo. Ao ocorrer o processo de

¹ J. Piaget, *Biología y conocimiento*, Siglo XXI, Madrid, 1969.

digestão, a substância perderá sua identidade original até converter-se em parte da estrutura do organismo.

Em resumo, a assimilação é o movimento do processo de adaptação pelo qual os elementos do ambiente alteram-se para ser incorporados à estrutura do organismo.

Acomodação: O organismo, ao mesmo tempo que transforma as substâncias alimentícias, para poder incorporá-las, transforma-se também ele mesmo. Assim a boca (ou o órgão correspondente conforme a espécie) deverá abrir-se, o objeto deverá ser mastigado e os processos digestivos devem adaptar-se às propriedades químicas e físicas particulares do objeto. Em síntese, a acomodação é o movimento do processo de adaptação pelo qual o organismo altera-se, de acordo com as características do objeto a ser ingerido. Piaget observa que, ainda que os detalhes dos movimentos assimilativos ou acomodativos vão variando, há uma invariabilidade em sua apresentação, em qualquer processo de adaptação de todo ser vivo. Estas constantes proporcionam o vínculo fundamental entre a biologia e a inteligência.

De minha parte, eu acredito que também proporcionam a arquitetura para a atribuição simbólica de significações pessoais aos processos de aprendizagem individuais.

Adaptação inteligente: assimilação – acomodação

O operar intelectual em seu aspecto dinâmico, também é caracterizado pelos momentos de assimilação e acomodação. Assim, um processo inteligente, no qual a assimilação e a acomodação se acham em equilíbrio, sem que uma delas predomine excessivamente sobre a outra, constitui uma adaptação inteligente (Piaget).

Todo ato de inteligência, por mais simples e rudimentar que seja, supõe uma interpretação da realidade externa, quer dizer, uma assimilação do objeto por conhecer a algum tipo de sistema de significados existentes no sujeito. Igualmente, todo ato de inteligência, por mais elementar que seja, supõe um enfrentamento com as características do objeto, quer dizer, uma acomodação às demandas ou requerimentos que o mundo dos objetos impõe ao sujeito.

Sara Pañn observa a constituição de diferentes modalidades nos processos representativos cujos extremos podem ser descritos como: *hipoassimilação/hiperacomodação, hipoacomodação/hiperassimilação.*

Levando em conta o anterior, a análise da modalidade da inteligência, em seu operar, permite-nos chegar a certas conclusões sobre a modalidade de aprendizagem e a estabelecer correlações com determinadas patologias. Desta maneira pode ser útil para realizar diagnósticos diferenciais (sintoma-inibição-problema de aprendizagem reativo-oligofrenia-oligotimia). Poderíamos falar, talvez, de uma modalidade de operar a inteligência de acordo com o tipo de equilíbrio alcançado entre a assimilação e a acomodação. Assim, então, como se podem encontrar atividades predominantemente assimilativas como o jogo, e outras predominantemente acomodativas como a cópia de um desenho ou o cumprimento de uma *consigna*, também podemos encontrar pessoas que agem cognitivamente de um modo hiperassimilativo e outras hiperacomodativamente. Mas como a inteligência é somente uma das estruturas que intervêm no processo de aprendizagem, e de outra forma não se pode separar do desejo e da corporeidade, na análise de um sujeito em particular preferimos falar de modalidade de aprendizagem e não de modalidade de inteligência.

Podemos descrever a hipoassimilação como uma pobreza de contato com o objeto que redundava em esquemas de objeto empobrecidos, deficitário lúdico e criativo.

A hiperacomodação: pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão. Lamentavelmente, a modalidade de aprendizagem hipoassimilativa/hiperacomodativa é a vedete de nosso sistema educativo. Muitos "bons alunos" encontram-se nesta situação.

A hipoacomodação: pobreza de contato com o objeto, dificuldade na internalização de imagens, a criança sofreu a falta de estimulação ou o abandono.

A hiperassimilação: predomínio da subjetivização, desrealização do pensamento, dificuldade para resignar-se.

Aprendizagem: assimilação – acomodação

Uma aprendizagem normal supõe uma modalidade de aprendizagem na qual se produza um equilíbrio entre os movimentos assimilativos e os acomodativos. Assim, por exemplo, se é apresentada a uma criança de 8 anos, com estas características, a lâmina I do CAT (três pintinhos em frente a uma mesa; de um lado, tenuemente representada, uma figura de galinha) poderá, ante o pedido para que conte uma história a partir do desenho, dizer: "Os pintinhos estavam tomando sopa. A mamãe galinha cuida deles. Antes esta-

vam correndo pelo parque. E como estavam cansados e com fome, foram para a mesa. Depois vai vir um amigo do maior e vão visitar outros galinheiros”. Ou então: “Os três pintinhos estavam muito tristes porque a mãe não queria dar-lhes de comer. Antes estavam olhando TV e os pais haviam saído para passear”.

Uma criança da mesma idade que tenha estruturado uma modalidade de aprendizagem hiperacomodativa/hipoassimilativa, poderá dizer: “Três pintinhos. Estão comendo. Há uma tigela. Uma colher. Uma galinha grande. Estão aí comendo. Na tigela há comida”.

O seguinte é o relato de uma criança com uma modalidade hiperassimilativa/hipoacomodativa:

“Os pintinhos estavam comendo, veio um gato grandinho e quis espantá-los, os pintinhos ficaram bem juntinhos. Um deles sabia voar, então se foram voando, chegaram ao país das mariposas, juntaram-se todas as mariposas e foram com os pintinhos até o mar”.

Os problemas de aprendizagem, ancorados sobre uma estrutura psicótica em geral, mostram-se através desta modalidade. Nos problemas de aprendizagem da ordem do sintoma, encontramos também majoritariamente esta modalidade, apesar de que hajam sintomas que se estruturam sobre uma modalidade hiperacomodativa/hipoassimilativa.

Uma criança, também de 7 anos, que apresente uma modalidade hipoassimilativa/hipoacomodativa pode ter a seguinte resposta ante a mesma lâmina do CAT: “Pintinhos” (silêncio), “tem os pintinhos” (silêncio), “não sei mais”.

Em geral, as inibições cognitivas apresentam uma modalidade hipoassimilativa/hipoacomodativa.

Os problemas de aprendizagem reativos ao sistema educativo não supõem uma alteração na modalidade de aprendizagem que implique um desequilíbrio. O isomorfismo, entre as invariantes funcionais (assim chamadas por Piaget) assimilação-acomodação, tanto a nível orgânico como cognocitivo, não se dá quanto aos conteúdos, nem aos órgãos que intervêm nos processos (não existe nada em comum entre uma porção de sobremesa para comer e uma teoria científica para conhecer), senão quanto aos processos, às funções (existe uma equivalência funcional entre os movimentos que o organismo deve fazer para comer a sobremesa e os que deve fazer a inteligência para compreender uma teoria).

A atribuição simbólica pessoal de significado ao processo de aprendizagem vai recorrer, como o faz o sonho, aos restos diurnos, a um reservatório de cenas em movimento que têm a ver com a alimentação: movimento de in-

corporação, arrebatado, mastigar a presa como uma fera, tomar como um bebê a mamadeira, mastigar o alimento com prazer... Guardar o que se necessita do alimento e eliminar o que não serve, depois do processo de digestão. Engolir vorazmente e vomitar. Engolir dolorosamente e vomitar.

As significações do aprender

A partir de minha experiência como coordenadora de grupos de tratamento psicopedagógico didático durante estes últimos cinco anos, e da participação em numerosas experiências vivenciais psicodramáticas sobre o aprender, deparei-me com certas cenas que aparecem com insistência associadas à cena de aprender.

Cenas relativas à alimentação, à incorporação em geral, ao pedir, ao receber, ao olhar, ao buscar, ao recordar, ao apropriar-se, estas cenas poderiam resumir-se em duas vertentes: a) diferentes atitudes ante o que é do outro e o próprio; b) diferentes atitudes ante o oculto.

Logo pude observar como tais cenas se referiam à atribuição de significados para o aprender, universais à nossa cultura, e como estas atribuições se modificavam e alteravam nos pacientes com problemas de aprendizagem-sintoma.

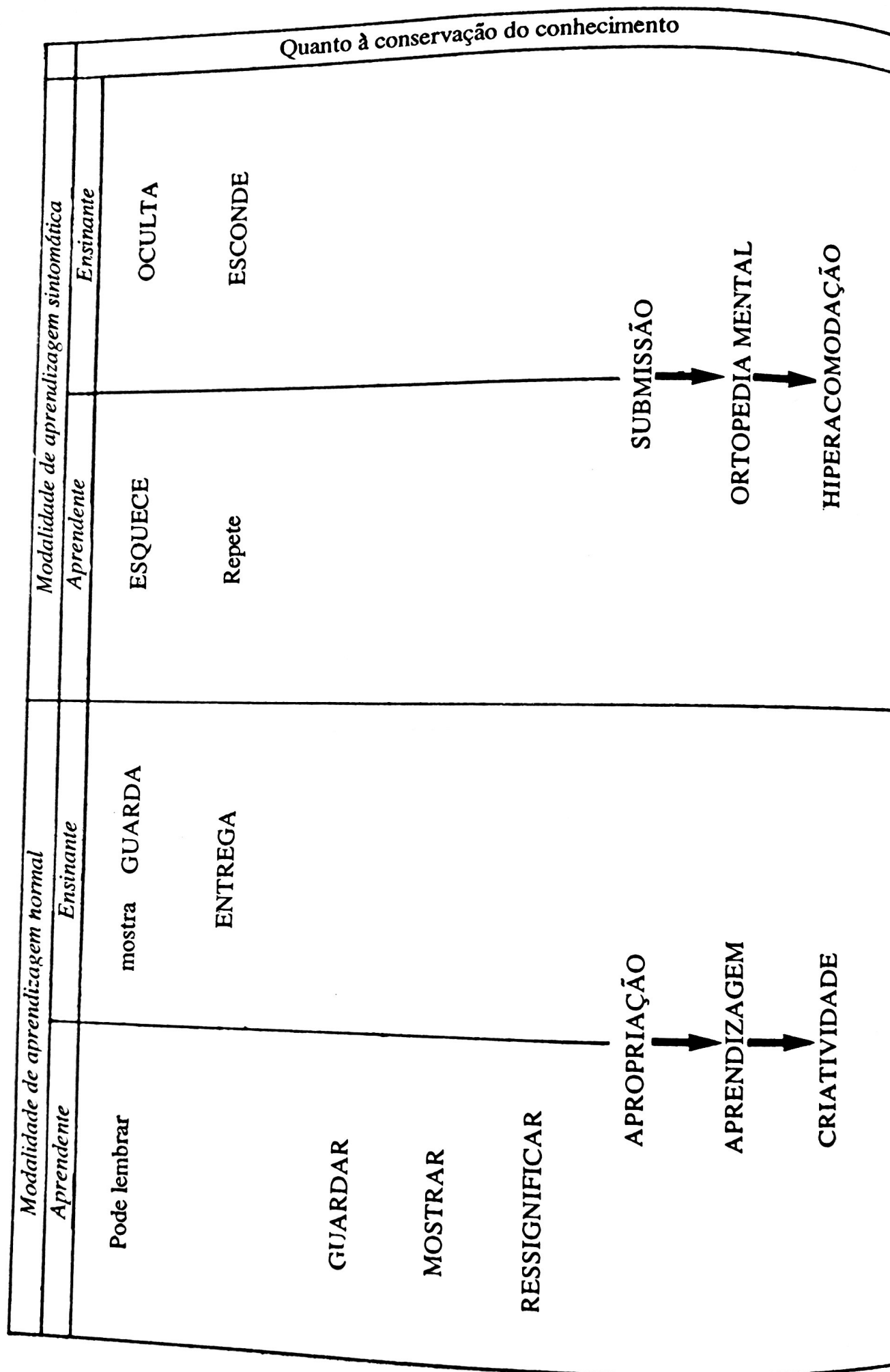
Ante o perigo que implica aceder ao conhecimento e a angústia que o acompanha, há diferentes saídas possíveis. Aprender, ir construindo o saber, apropriar-se do conhecimento é uma delas. Outro caminho possível é fazer um sintoma, um problema de aprendizagem ou uma inibição cognitiva.

Algo da ordem do segredo está presente em toda busca de conhecimento, pois o objeto a conhecer está oculto e esta dificuldade implica um desafio, um estímulo ao desejo de conhecer. A mesma situação que motiva o movimento em direção ao conhecimento pode tingir de perigo e principalmente de culpa, o acesso ao mesmo; por fim, a modalidade de aprendizagem é também a forma característica de cada um para revelar o oculto. Há modalidades fóbicas, maníacas, obsessivas, de aproximar-se do não conhecido, mas qualquer destas circunstâncias não implica um sintoma-problema de aprendizagem. As modalidades de aprendizagem estão necessariamente ligadas à estrutura da personalidade.

Quando buscarmos uma alteração ou tratarmos de diagnosticar uma alteração na modalidade de aprendizagem, deveremos focalizar o ponto especial de articulação entre a elaboração subjetivante e objetivante. Analisaremos então, por exemplo, a modalidade da inteligência, mas daremos importância à significação que outorgue o sujeito a esse operar.

		Quanto à aquisição do conhecimento	
Atitudes ante o oculto	<i>Modalidade de aprendizagem normal</i>		<i>Modalidade de aprendizagem sintomática</i>
	<i>Aprendente</i>	<i>Ensinante</i>	
Atitudes ante a possessão	<i>Modalidade de aprendizagem normal</i>		<i>Modalidade de aprendizagem sintomática</i>
	<i>Aprendente</i>	<i>Ensinante</i>	

<p>Pode olhar Liberdade para olhar ou não olhar</p>	<p>Mostra Liberdade para mostrar ou guardar</p>	<p>Necessita espiar Somente pode espiar</p>	<p>Oculto Esconde</p>
<p>Vínculo de aprendizagem sadio</p>		<p>segredo</p>	
<p>Possibilidade de transmitir-se com o conhecimento Investigação Curiosidade</p>	<p>Possibilidade de criar</p>	<p>Vínculo de aprendizagem patogênico</p>	<p>Culpa por conhecer Submissão</p>
<p>Pode incorporar Pode pedir</p>	<p>Entrega, dá Pode guardar</p>	<p>Necessita tirar Somente pode roubar</p>	<p>Oculto Esconde</p>
<p>Vínculo sadio de aprendizagem</p>		<p>Vínculo patogênico de aprendizagem</p>	
<p>Possibilidade de apropriar-se do conhecimento</p>	<p>Possibilidade de recriar o conhecimento</p>	<p>Culpa por possuir Não pode se apropriar</p>	<p>Culpa por possuir Não pode se mostrar</p>



Um sintoma-problema de aprendizagem vem instalar-se sobre uma modalidade já existente, que o sujeito construiu desde o nascimento, em que intervêm significações ainda anteriores a ele mesmo. O sintoma emerge da modalidade prévia, mas vai modificando-a, principalmente estereotipando-a e enrijecendo-a.

Podemos diferenciar modalidades de aprendizagem normais de modalidades de aprendizagem sintomáticas.

Construção de uma modalidade de aprendizagem sintomática

A existência de algo oculto é inerente à busca do conhecimento. Não poderia ser portanto esta situação, nem ainda o fato de que o conhecimento esteja escondido desde o real (por exemplo, porque assim o possuidor o determine), causa da construção de uma modalidade sintomática. Assim, por exemplo, no século passado, no qual a informação sexual estava vedada e inclusive podia ser um segredo para a infância e a adolescência, nem todos os meninos tinham problemas de aprendizagem, apesar desta falta de informação, ou ainda da informação falsa.

A existência do segredo em si não é o causante da modalidade sintomática de aprendizagem. O sintoma em geral gera-se em uma situação que não permite reconhecer a existência do segredo. Famílias que não permitem revelar o segredo, mas que reconhecem sua existência, geram outro tipo de sintomas, mas não necessariamente na aprendizagem. Há uma diferença entre o “não posso dizer-te ou o não quero dizer-te” do pai, ante uma pergunta do filho, e o silêncio de um pai que não se perturba pela pergunta do filho porque já se ocupou bastante para calar as perguntas da criança.

Continuando com o exemplo da sexualidade no século passado, as crianças não tinham a informação, mas podiam, entretanto, elaborar teorias sexuais que lhes permitiam simbolizar sobre esse segredo. Não tinham uma informação sobre como nasciam as crianças, porém isto não impedia que eles a inventassem. As teorias sexuais infantis eram construídas da mesma maneira que o fazem as crianças de hoje, tendo a informação correta. Existe a possibilidade de simbolizar o que se oculta (porque o outro não o quer mostrar), mas não o que está oculto porque o *aprendente* não pode ou não o quer revelar. Seja porque a criança não pode dar conta do oculto, ou porque “conveneu-se” de que não há nada oculto.

Simbolizar possibilita, por exemplo, elaborar uma teoria, equivocada ou não, sobre a situação mantida em segredo. Enquanto o paciente com problemas de aprendizagem, ante o segredo, coloca-se num lugar de onde não

pode aproximar-se ou não pode reconhecer que existe um segredo, ou crê que ele não tem direito de saber sobre o oculto, e além do mais, estende este não poder saber a outros temas.

O sintoma-problema de aprendizagem implica o fracasso da simbolização ante a anulação do desconhecimento.

O sentimento de perigo concomitante a toda busca do conhecimento e a angústia que transpassa a necessidade de conhecer são comuns a todo ser humano e dizem respeito à cisão constituinte do mesmo, criando um ser castrado, um ser que joga constantemente com o desejo de não depender absolutamente de ninguém ou depender absolutamente de outro. Sendo a criança humana um dos filhotes que maior dependência tem dos pais, faz esta situação mais dramática. “Necessito depender de outro”, mas também “desejo não depender nunca deste outro, do qual necessito depender”. Este jogo tem a ver com a aprendizagem. A aprendizagem implica o mandato do outro de reproduzir certo modelo e é construída em um vínculo.

Apropriação

h A aprendizagem é um processo que se significa familiarmente, ainda que se aproprie individualmente, intervindo o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo do *aprendente* e também do *ensinante*, mas o desejo é necessariamente o desejo do outro.

A inteligência processa, através da elaboração objetivante, os movimentos de aproximação e apropriação do objeto, classificando-o, seriando-o, incluindo-o em alguma estrutura hierárquica e de classe, enquanto que o desejo tende a apropriar-se do objeto, incluindo-o em alguma metáfora própria (elaboração subjetivante).

No aprender, interatuam a elaboração objetivante e a subjetivante.

O sintoma instala-se sobre uma modalidade e essa modalidade tem uma construção pessoal a partir dos quatro núveis (organismo, corpo, inteligência e desejo) da história pessoal e da significação dada à mesma. A modalidade opera como uma matriz que está em permanente reconstrução e sobre a qual vão se incluindo as novas aprendizagens que vão transformando-a, mas de qualquer maneira a matriz permanece como estrutural.

O sintoma cristaliza a modalidade de aprendizagem em um determinado momento, e a partir daí esta perde a possibilidade de ir transformando-se e de ser utilizada para transformar.

b) O sintoma implica colocar em outro lado, jogar fora, atuar o que não se pode simbolizar, enquanto que a simbolização permite ressignificar² e a ressignificação possibilita que a modalidade possa ir se modificando. Ao não poder estabelecer este processo de ressignificação interno à própria modalidade de aprendizagem, esta modalidade fica enrijecida, impedindo ou dificultando a aprendizagem de determinados aspectos da realidade. A intervenção psicopedagógica não se dirige ao sintoma, mas a poder mobilizar a modalidade de aprendizagem. A partir de tal mobilização, vamos relativizando os fatores que constroem o sintoma.

b) Aprender é apropriar-se, apropriação que se dá a partir de uma elaboração objetivante e subjetivante. A elaboração objetivante permite apropriar-se do objeto ordenando-o e classificando-o, quer dizer, por exemplo, reconhecer uma cadeira pondo-a na classe "cadeira", quer dizer, tratando de usar o que a iguala a todas as cadeiras do mundo. Por outro lado, a elaboração subjetivante tratará de reconhecer, de apropriar-se dessa cadeira, a partir daquela única e intransmitível experiência que haja tido o sujeito com as cadeiras.

Aprendemos o que é uma cadeira, por exemplo, não só a partir do conceito de cadeira, ainda que o necessitemos, mas também a partir da história de trocas com cadeiras que cada um de nós teve, das imagens, das lembranças e das fantasias sobre esse objeto.

² A palavra ressignificar tem três sentidos diferentes: a) dar um significado diferente; b) reafirmar, voltar a afirmar, firmar, pôr a firma e c) resignar-se, aceitar a realidade.